

## Resenha da tradução brasileira do *Platão: O sofista* de Martin Heidegger

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Professor da UNIOESTE

HEIDEGGER, Martin. *Platão: O sofista*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.



Com a recente edição da tradução brasileira de *Platão: O sofista*, de Martin Heidegger (1889-1976), o leitor de língua portuguesa passa a dispor de uma das mais importantes preleções do filósofo alemão. Esta avaliação (sem pretender ser o juízo elogioso costumeiramente encontrado em resenhas de divulgação) atesta o real valor de uma obra que nos dá mostras de algumas das vigorosas interpretações que Heidegger, durante a década de 1920, consagrou aos antigos gregos e, em especial, a Platão e a Aristóteles. A presente obra (além de um necrológio ao, à época, recém falecido Paul Natorp) na medida em que nos oferecem os saldos de exercícios fenomenológicos desenvolvidos por vários semestres letivos, faz-se particularmente influente sobre a redação de *Ser e tempo, magnum opus* de Heidegger que fora gerada entre os anos de 1923/26, período coincidente com a data da preleção em pauta.

Estabelecido a partir do volume 19 das *Obras reunidas (Gesamtausgabe)* de Heidegger, o texto reconstitui lições dadas pelo filósofo na Universidade de Marburg durante o semestre de inverno de 1924/25. Inicialmente anunciada como uma interpretação de *O sofista* e *Filebo* de Platão, a preleção, no entanto, ganha outro encaminhamento: passa a concentrar-se apenas no primeiro diálogo platônico e a desenvolver-se a partir de interpretações de Aristóteles, ou

melhor, daquilo que seria uma leitura aristotélica de Platão. Traços desta estratégia de leitura se esclarecem com o próprio Heidegger:

Até aqui foi usual interpretar a filosofia platônica de tal modo que se avançava de Sócrates e dos pré-socráticos até Platão. Queremos tomar o caminho inverso, retornando de Aristóteles para Platão. Esse caminho não é inaudito. Ele segue o antigo preceito da hermenêutica, de que se deve partir da interpretação do claro para o obscuro. Pressupomos que Aristóteles teria compreendido Platão. Assim como em geral se precisa dizer quanto à questão da compreensão que os que vêm depois sempre compreendem melhor os antecessores do que estes compreenderam a si mesmo. (...) O que Aristóteles diz é aquilo que Platão lhe entrega em mãos, só que com cunhagem mais radical, mais científica. Aristóteles deve nos preparar, portanto, para Platão (...) (HEIDEGGER, 2012, p. 11).

Servindo-se desta chave hermenêutica (que para alguns só reforçaria sua fama de violentador da tradição com interpretações fenomenológicas), Heidegger destina toda esta *parte introdutória*, de caráter propedêutico, à interpretação da filosofia platônica pelo fio condutor aristotélico, exercício que elabora o que seria uma de suas mais notáveis leituras de Aristóteles. Atendo-se ao livro VI da *Ética a Nicômaco*, o alemão usa a questão aristotélica das virtudes intelectuais para aproximar-se de Platão. Qual o interesse de Heidegger nesta questão? Ora, o filósofo está convicto de que, ao partir dela pode chegar a tanger problemas fundamentais como a verdade e o ser.

Na segunda parte da obra, denominada *transição*, encontramos Heidegger em meio a apropriações nas quais problemas das investigações ontológicas de Platão se fazem presentes. Neste contexto, conceitos como os de ser (*ón*), não-ser (*un ón*), desvelamento/verdade (*alétheia*) e falsidade (*pseudesthai*) já surgem associados a noções do pensamento de Parmênides, como a linguagem (*lógos*) e a comunhão possível (*dýnamis koinonías*).

Não deve haver estranhamento ao reconhecermos estas questões consabidamente pertencentes a *Ser e tempo* na preleção em apreço. Afinal, como já dito, *Platão: O sofista* é uma obra atrelada a *Ser e tempo*. As questões promotoras da primeira promovem, igualmente, a outra. Arriscaríamos mesmo dizer que muitas das decisivas posições de Heidegger na obra de 1927 teriam sido intensamente meditadas e ensaiadas nas preleções de 1924/25. Uma evidência disso é a epígrafe de *Ser e tempo*, que traz um fragmento do diálogo *O sofista*, sentença que sublinha o interesse de Heidegger pelas referidas questões nos dois mencionados momentos (*Platão: O sofista e Ser e tempo*).

A interpretação pormenorizada do diálogo *O sofista* é o que se vê na terceira seção do livro, designada *Parte principal*. Neste momento do texto, o leitor presenciará uma das poucas interpretações que Heidegger faz de Platão atendo-se apenas a um diálogo. Isso porque, em nenhuma outra parte de sua obra, Heidegger se concentra nestas questões da ontologia antiga como ali. Fica patente que o texto – ímpar no quesito ineditismo – é fruto da combinação de um arguto olhar fenomenológico com um apropriado posicionamento hermenêutico, marcas indeléveis da filosofia do alemão.

*Platão: O sofista* é, enfim, um comentário minucioso sobre as passagens do diálogo platônico. As mesmas que Heidegger se empenha em citar em grego (seguindo a célebre edição de Burnet) e por traduzi-las peculiarmente. Fiel à conduta de Heidegger, a tradução brasileira traz os trechos de Platão tal como citados, o que não constitui impedimento ao leitor não versado na língua grega, isso porque, a colação feita no Brasil (diferentemente da norte americana) optou por traduzir os vocábulos gregos em parênteses imediatamente após a sua incidência. Perdeu-se, com isso, a oportunidade de contarmos com um glossário grego-português e um índice remissivo, aparatos que, longe de facilitar a leitura do denso texto de Heidegger, pelo menos favoreceria o pesquisador que precisará orientar-se em meio à presença massiva de expressões helênicas.

Cabe a esta resenha ainda informar que, com a cooperação do *Grupo editorial nacional* – *GEN* (integrado pela editora *Forense Universitária*) e contando com o apoio do *Goethe Institut*, a publicação de *Platão: O sofista* de Martin Heidegger constitui relevante reforço aos estudos de Heidegger no Brasil, já que esta, junto a outras preleções da década de 1920, traduzidas sistematicamente pelo Prof. Marco Antônio Casanova, colabora com uma compreensão mais ampla da filosofia de Heidegger, fornecendo pistas sobre seus passos preparativos e desdobramentos maduros.